

Jesus Cristo e a vivência da ética

Prof. Dr. Nilo Agostini

Texto publicado no livro *Ética cristã e desafios atuais*,
Petrópolis, Editora Vozes, 2002, p. 47-82 (esgotado).

Vivemos, em nossos dias, uma crise marcada por uma diluição de referenciais e por uma fragmentação consensual. Trata-se de uma crise de paradigmas que, analisada em suas raízes ético-morais, revela-se capaz de nos desestabilizar em nossa base mais profunda – o *ethos* -, onde justamente se tece a base comum de evidências primitivas em nosso modo próprio de ser e de viver. Deste fundo “arqueológico-social” vai depender a base consensual para a percepção, avaliação e ação, necessárias para o nosso viver. Hoje, nós vivemos *de facto* uma ruptura da unidade primitiva, tanto no ser humano ele mesmo quanto na sociedade. Assim, os comportamentos assumidos não são mais um consenso, imperativos diferentes – até contraditórios – tornam-se manifestos. Facilmente, fazemos a experiência do arbitrário e duvidoso.

Esta situação aponta igualmente para uma consciência ética desorientada, numa “crise em torno da verdade”¹. A medida de referência tende a ser o próprio indivíduo, inclusive para o que está além de si, num deslize individualista comprometedor. Por isso, faz-se necessário acionar a perspicácia ética e teológica, enquanto capacidade humana de respaldar com adequação o ser humano neste tempo de sua história.

Ante os traços característicos deste ‘tempo’ que nos é dado viver, sentimo-nos impelidos a postar-nos face ao ‘novo’ sem medo. É hora de recriar as bases que possam sustentar o *humanum* dentro de uma cultura emergente que, marcada pela modernidade, já é portadora de traços nítidos de uma pós-modernidade. Precisamos dedicar nisto os melhores esforços, pois aqui se decide o futuro. Isto será decisivo para uma vida que se queira alimentada pelo Evangelho, tendo Jesus a centralidade.

Necessitamos de um itinerário ético, nutrido da fidelidade ao Evangelho, da fidelidade à nossa história, da centralidade de Jesus Cristo, da experiência de Deus, não se abstendo de responder com adequação e perspicácia aos atuais desafios da Igreja e do mundo. Faz-se necessário apoiar a pessoa humana em seu processo educativo e no despertar da fé e da consciência, num percurso marcado pela *unidade*, *gradualidade* e *coerência*. Trata-se de um processo vital para o qual concorre a totalidade da pessoa

¹ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta encíclica ‘Fides et Ratio’*, col. “Documentos Pontifícios” n° 275, Petrópolis: Vozes, 1998, n° 98; IDEM, *Carta encíclica ‘Veritatis Splendor’*, col. “Documentos Pontifícios” n° 255, Petrópolis: Vozes, 1993, n° 32.

humana, sem descuidar de ter claro os *referenciais* que lhe dão suporte para que possa crescer em *espírito e vida*.

1. Pressupostos para um despertar ético em perspectiva cristã

Idealmente, buscamos chegar à “plena maturidade de Cristo”², numa comunhão tecida com Deus, consigo mesmo, com os demais seres humanos, com todas as criaturas. Faz-se necessário percorrer firmemente este itinerário, sem descurar em garantir o crescimento humano, incluído o espiritual. Além disso, importa anunciar e propor hoje às pessoas de todas as idades uma proposta de vida concreta e atraente, num processo contínuo de crescimento e de conversão que comprometa toda a vida da pessoa, chamada a desenvolver a própria dimensão humana e cristã, vivendo a proposta do Evangelho.

1.1. Processo dinâmico e vital

Este processo não é uma realidade estática, mas um processo de crescimento. A *caminhada para a maturidade* terá em conta “uma atitude de abertura para si mesmo, para compreender-se e aceitar-se, de abertura para o outro, para a sociedade, para o cosmos e para Deus”³.

Isto garante a formação de um *húmus vital*, alimentador do modo próprio de ser, gerador de todo um conjunto de disposições, qual *ethos*, ou seja, a nossa identidade mais profunda, que brota do ser e se constitui numa matriz de percepção, de apreciação e de ação. O caráter gerador deste *húmus vital*, buscado por um crescimento que seja ético, cria em cada um de nós *evidências primitivas e comuns*, das quais emanam as predisposições que nos caracterizam desde o mais íntimo de nós mesmos.

Nada substitui a *pessoa* em seu processo de amadurecimento (corporal, psicológico, afetivo, espiritual, intelectual). É claro que estamos diante de um processo interativo. Porém, é bom ter presente que a pessoa ela mesma é sempre o protagonista principal deste seu crescimento, responsável para assumir e interiorizar todos os valores da vida, capaz de autonomia e iniciativa pessoal.

Como protagonista principal, a *pessoa*, que vislumbra um ideal de vida e o busca realizar, tem necessidade de estabelecer com clareza o conhecimento de si, pois “para sermos o que devemos ser, o primeiro passo é ter coragem de ser o que somos... Cada ser humano é um universo à parte. É uma nova natureza, irredutível a todas as demais. Ser fiel à sua própria distinção é o primeiro dos seus deveres. Esta fidelidade a si próprio é a

² Cf. Ef 4,13.

condição primordial de suas virtualidades, isto é, de sua capacidade em desdobrar suas potencialidades de desenvolvimento e plenitude”⁴.

A essa necessidade que a pessoa tem de ser ela mesma, segue-se ou soma-se a necessidade de “ser mais”, como resposta à aspiração de desenvolver-se plenamente. Com isso, queremos identificar “aquele processo de crescimento que leva a pessoa não a um ‘estado’ mas num rumo ou ‘direção’, não para o equilíbrio ou a felicidade ou o nirvana, sem conflitos, tensões, impulsos negativos ou a adaptação ou atualização dos desejos, mas para atos, opções, decisões que estejam em harmonia com o próprio ser, a totalidade do organismo”⁵.

O ser humano é habitado pela ânsia, qual saudade e nostalgia, numa esperança igualmente a construir, da plenitude e da verdade. Ele busca, com incansável ardor, o *sentido da vida*. O desenvolvimento das ciências e da técnica, o testemunho de toda inteligência humana nunca puderam substituí-lo nesta busca/enfrentamento das questões últimas sobre a existência humana. A ele cabe a palavra, a decisão, a responsabilidade, discernir valores, perfazer caminhos, perscrutar a verdade, “enfrentar as lutas mais dolorosas e decisivas, que são as do coração e da consciência”⁶.

É bom ter sempre em mente que “*a vida plena é portanto um processo, um caminho, uma direção*, uma realidade jamais completamente atingida, mas saboreada em certos momentos significativos para a pessoa, porque lhe revelam que está no caminho certo”⁷. Assim, podemos dizer, em certo sentido, que o ser humano não nasce pessoa, mas vai tornando-se pessoa.

Em resumo, podemos afirmar que “para alcançar o que ‘devemos ser’, temos que dar-nos conta do que ‘somos’ e descobrir o segredo, a chave da nossa realização”, pois “educar sem conhecer suficientemente o homem é como caminhar no deserto sem bússola e sem meta”⁸.

1.2. Um processo contextualizado

O itinerário acima aludido é um processo sempre contextualizado, não funciona no vazio. Por isso, precisamos ter em conta o momento presente e suas múltiplas mutações,

³ Cf. OFM - Secretaria Geral para a Formação e os Estudos, *A Formação Permanente na Ordem dos Frades Menores*, Roma, 1995, n° 20.

⁴ A. A. LIMA, “Virtudes e Intervirtudes (Excertos)”, *Revista de Espiritualidade ‘Grande Sinal’* 3 (1993), p. 370.

⁵ L. CIAN, *Caminho para a maturidade e a harmonia*, Petrópolis: Vozes, 1990, p. 25-26.

⁶ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta encíclica ‘Veritatis Splendor’*, *op. cit.*, n° 1.

⁷ Cf. L. CIAN, *op. cit.*, p. 26.

⁸ I. GASTALDI, *Educar e evangelizar na pós-modernidade*, São Paulo: Dom Bosco, 1994, p. 61.

sobretudo neste tempo de passagem entre a modernidade e a pós-modernidade. As influências sobre as nossas vidas são muito fortes; inclusive, interferem diretamente nos processos constitutivos da consciência das pessoas.

A constatação das rápidas mudanças é correta. Elas têm, num primeiro momento, como força-motriz *a fé no progresso* que é devedora a quatro revoluções modernas: a revolução científica, a política, a cultural e a técnica⁹. No entanto, nas últimas décadas, sobretudo a partir do final dos anos 60, do século XX, esta fé no progresso *entra em crise*. Mesmo sendo difícil de situar o seu início, esta crise toma corpo com a *revolução de 68* na França, alastra-se com a crise do petróleo, a microeletrônica, a robotização das indústrias, o mercado mundializado, a força dos meios de comunicação social, os atentados em Nova Iorque...

O ritmo acelerado das invenções, a mudança na escala de valores, as incertezas geradas, a perda de referenciais..., provocaram um desencanto frente à própria modernidade. Num movimento já de pós-modernidade, vivemos uma reação existencial diante “do fracasso da pretensão reducionista da razão moderna, que leva o homem a questionar tanto alguns êxitos da modernidade como a confiança no progresso indefinido”¹⁰.

Qual é mesmo o processo que estamos vivendo na pós-modernidade? Ítalo Gastaldi, em seu livro *Educar e evangelizar na pós-modernidade*, oferece um quadro bastante preciso de seus traços característicos. Vejamos:

- a) “Desconfiança da razão e desencanto frente aos ideais não realizados pela Modernidade.
- b) Desaparição de dogmas e princípios fixos: agnosticismo, pluralidade de verdades, subjetivismo.
- c) Abolição dos ‘grandes relatos’. Fragmentação das ‘cosmovisões’.
- d) Dissolução do sentido da história. A realidade também se dissolve em fragmentos.
- e) Pluralidade ideológica e cultural. Forte dose de ecletismo.
- f) Distância crescente entre as gerações.
- g) Crise aguda da ética: individualismo (narcisismo), hedonismo, flexibilidade de costumes, permissividade.
- h) Ateísmo prático e fragmentação religiosa”¹¹.

⁹ Cf. A. JEANNIÈRE, “Qu’est ce la modernité?”, *Études* 373 (1990), p. 499ss.

¹⁰ Cf. CELAM - IV Conferência Geral, *Documento de Santo Domingo: Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã*, Petrópolis: Vozes, 1992, n° 252.

¹¹ I. GASTALDI, *op. cit.*, p. 30.

Chama-nos a atenção, neste momento histórico, o grande pluralismo de valores, numa proliferação do relativismo, sob a égide do ‘não existe nada de absoluto’, do ‘vale tudo’. Com isso, mergulhamos “no campo do efêmero, do instável, do banal, do ‘viver cada instante’, do ‘viver o aqui e agora’ à margem de toda moral”¹². O pós-moderno dispensa a norma. Num mimetismo do que está na ‘crista da onda’, embalados sobretudo pelos meios de comunicação social, introjetamos como ‘valores’ “o dinheiro, a juventude, o sexo, o culto ao corpo, o hedonismo e o narcisismo” e “são quase permanentemente silenciados a pureza, virgindade, esforço, trabalho, autoridade, disciplina, sacrifício ou poupança”¹³.

Vivemos num desencanto, num desinteresse, numa apatia, até mesmo diante do mundo da política, já que ela converteu-se em espetáculo e, não raro, em farsa, em representação teatral¹⁴. A própria religião, sob o impacto do secularismo, “deixou de ser fundamento cultural: já não exerce a função de unificação cultural, nem de coesão social”¹⁵. Chegamos a uma religiosidade que não compromete, extremamente cômoda, mais ligada ao envolvimento emocional, distante da Igreja-Instituição, carente de confiança nos seus líderes. A vida foi incorporada ao videogame, a realidade é virtual, importam os efeitos especiais e as experiências ‘pura adrenalina’.

Damo-nos conta, hoje, que “o acesso à realidade faz-se cada vez mais na ‘versão mediática’, na simulação, na imagem. Mais exatamente, cada vez menos se consegue distinguir realidade e imagem, verdade e simulação, certeza e opinião”¹⁶.

1.3. *Perspectiva eclesial e tarefa da teologia*

Toda esta situação nos solicita um olhar atencioso e um trabalho intenso em termos de reflexão da Teologia Moral ou da Ética Teológica. Isto é sobretudo importante e até urgente por nos encontrarmos numa situação nova, na qual dúvidas e objeções se difundem. Sabemos como esta postura atinge inclusive os ensinamentos da Igreja¹⁷.

Vivemos num tempo de transição; nele, o individualismo tende a imperar com fortes doses de subjetivismo e utilitarismo. Vemos impor-se estilos de vida, coligados a modelos sociais e econômicos, que nos levam a identificar a raiz do problema como sendo uma crise do humano. Quebrou-se o consenso mais profundo do/no humano; tal fragmentação compromete hoje a vida nas relações fundamentais quer consigo mesmo e com os outros, quer com a natureza (ou a criação) e com a transcendência.

¹² Cf. *ibidem*, p. 31.

¹³ Cf. E. GERVILLA, *Postmodernidad y Educación*, Madrid: Dykinson, 1993, p. 137.

¹⁴ Cf. G. LIPOVETSKY, *El imperio de lo efímero*, Barcelona: Anagrama, 1991, p. 9-10, 227.

¹⁵ Cf. E. GERVILLA, *op. cit.*, p. 102-110.

¹⁶ Cf. J. B. LIBÂNIO, “Educar na modernidade e pós-modernidade”, *Vida Pastoral*, janeiro-fevereiro de 1998, p. 23.

¹⁷ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta encíclica ‘Veritatis Splendor’*, *op. cit.*, n° 4, p. 10ss.

Entretanto, uma sede de realização faz o ser humano lançar-se avidamente em busca de sentido para a vida. Aí reside a chance do momento presente, bem como o perigo. Temos em mãos a oportunidade de reescrever belas e dignas páginas da história da humanidade à medida que soubermos mergulhar na radicalidade do mistério humano e no seu encontro com o divino. Podemos, igualmente, resvalar num aprofundamento da crise, ao adotar formas redutoras de vida, com suas banalizações comprometedoras da verdade e do bem integrais do ser humano.

Em meio a tal contexto, não raro nos perguntamos: Como podemos, enquanto cristãos e membros da Igreja, desempenhar nossa missão e acionar a ciência eclesial por excelência – a teologia – de maneira perspicaz e proveitosa hoje? Lembro, inicialmente, que o próprio Magistério da Igreja Católica afirmou, reiteradas vezes, que, “para cumprir a sua missão, (a Igreja) deve esforçar-se por conhecer as situações...” em que se encontra o ser humano hoje; “este conhecimento é, portanto, uma exigência imprescindível para a obra de evangelização”¹⁸.

Portanto, não podemos descuidar de olhar de frente a sociedade que temos diante de nós, ou na qual estamos mergulhados, hoje pluralista e policêntrica, marcada pela progressão e mobilidade; já não vivemos mais a unanimidade do passado, num quadro seguro e estável. Volta a questão de como acompanhar com adequação este ser humano, enquanto ser pessoal e social.

Um discernimento permanente dever ser realizado. O cuidado de ter presente as situações concretas, iluminá-las com a fé, abrir-se à palavra da Sagrada Escritura, ouvir a Tradição e ao Magistério, cultivar valores que brotam do Evangelho e traduzem o modo próprio de ser de Jesus Cristo – qual *ethos* – são alguns dos passos que devem sempre nos acompanhar¹⁹. Tendo isto presente, sabemos que cabe à Teologia, em especial à Teologia Moral, acionar esta busca no beber das fontes, tendo Jesus Cristo a centralidade, dado este acrescido pela Revelação como um todo, apontando sempre para os valores aí existentes. Porém, mesmo naquilo que há e persiste como valores permanentes e universais, faz-se sempre necessário “procurar e encontrar... a *formulação mais adequada* aos diversos contextos culturais”²⁰. Eis outra tarefa da Teologia, em especial da Teologia Moral, acompanhando o esforço do Magistério da Igreja²¹.

¹⁸ IDEM, *Familiaris Consortio*, 3ª edição, São Paulo: Loyola, 1982, n° 4.

¹⁹ Cf. N. AGOSTINI, *Teologia Moral: O que você precisa viver e saber*, 6ª edição, Petrópolis: Vozes, 2001, p. 114.

²⁰ JOÃO PAULO II, *Carta encíclica ‘Veritatis Splendor’*, *op. cit.*, n° 53.

²¹ Cf. IDEM, *Carta encíclica ‘Fides et Ratio’*, *op. cit.*, n° 68ss, 92-99.

Além disso, diante da grande variedade de ciências hoje existentes, deparamo-nos, por um lado, com o fenômeno da fragmentação do saber e, por outro lado, com a riqueza que cada ciência tem a oferecer ao ser humano e à sociedade. Isto faz com que a Igreja sinta-se impelida “a desenvolver constantemente a reflexão não só dogmática mas também moral, num âmbito *interdisciplinar*, tal como é necessário especialmente para os novos problemas”²².

Hoje, urge igualmente que a Teologia saiba captar o emergente e, não raro, captar o que transita pelo marginal, haja vista a realidade hoje fraturada e em constante rearticulação. Isto implica em interlocutores novos no âmbito da própria Teologia. O ser humano, hoje mergulhado nesta realidade cambiante e multifacetária, necessita de um respaldo da própria Teologia Moral, que seja capaz de auxiliá-lo a realizar um discernimento nem sempre fácil. Por isso, “permanece sempre viva, na Igreja, a consciência do seu ‘dever de investigar a todo momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho’..., Igreja que, ‘perita em humanidade’, se põe a serviço de cada homem e do mundo inteiro”²³.

2. Fidelidade à nossa história

A fidelidade ao evangelho, boa nova de Jesus Cristo, requer a fidelidade à nossa história. O itinerário ético, que se queira igualmente evangelizador, não poderá descuidar disso. O ser humano é um ser histórico, marcado pelo tempo e o espaço. Vai se tornando pessoa, num processo lento, à medida que perfaz o caminho passo após passo, no tempo e no espaço que lhe são próprios. Assim, a historicidade é inerente ao processo de despertar ético e evangelizador. O desafio aqui passa a ser, então, integrar a escuta atenta dos “sinais dos tempos”, sem medo do novo.

2.1. Capacitar para a escuta dos “sinais dos tempos”

Diante da atual situação histórica, poderíamos reagir de forma desesperançada, numa lamúria sem fim. Porém, a escuta atenta dos “sinais dos tempos” faz-nos entrever este tempo que nos é dado viver como o tempo da *graça* do Senhor; constitui-se para nós num veemente apelo, um “kairós” ou, como dizia *Medellín*, em 1968, “um lugar teológico e interpelações de Deus”²⁴.

O itinerário ético e cristão estará sempre em relação aos sinais dos tempos; não poderá realizar-se fora do tempo e do espaço nos quais nos encontramos. Existe aí um

²² IDEM, *Carta encíclica ‘Veritatis Splendor’*, *op. cit.*, n° 30.

²³ *Ibidem*, n° 2 e 3.

²⁴ Cf. CELAM - II Conferência Geral, *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio (Conclusões de Medellín)*, 7ª edição, Petrópolis: Vozes, 1980, n° 7,13.

enraizamento que é feito para dentro da história e, ao mesmo tempo, no próprio Deus. A partir da fé, realizamos o encontro com Deus, elemento fundante, e a experiência de todas as coisas contempladas à luz de Deus.

Entendemos, então, que o Sínodo dos Bispos sobre a “Vida Consagrada” tenha afirmado que “a formação deve ser humana, progressiva, inculturada, aberta à comunhão eclesial e à missão, em contato com a vida real e também com a situação dos pobres”²⁵. Os Padres sinodais chegam a enfatizar o seguinte: “A formação... exige um conhecimento progressivo da história, da espiritualidade (...), com formadores e formadoras autóctones, radicados na cultura nativa”²⁶. Acrescenta-se o necessário empenho na formação dos formadores²⁷.

Recusar-se a este empenho, no refúgio das seguranças de um outro tempo ou por medo do “novo” é um desserviço prestado ao itinerário ético-formativo e evangelizador; pois, desta forma, defasados e desajustados nós mesmos, acabamos por nos refugiar num momento e num mundo que não existem mais. Tornamo-nos capazes de, com isso, deixar o ser humano tomar um caminho sem o suporte adequado, passível a muitas quedas e capitulações, presa fácil de “forças” que buscam sugá-lo sem escrúpulos, manietá-lo em função de interesses escusos, ajustando-o e acomodando-o como “peça” de um sistema que faz dele um “joguete”, puro “objeto” em suas mãos.

Esta recusa representaria uma verdadeira capitulação. Colocar-nos-ia em dificuldade, senão bloqueados nós mesmos frente aos apelos do Espírito, pois “os pedidos e os apelos do Espírito ressoam também nos acontecimentos da história”²⁸.

2.2. *Sem medo do novo*

A sintonia com o Espírito do Senhor, a ausculta de seus apelos nos sempre novos sinais dos tempos nos levam a uma vigilância constante e a uma esperança sem limites. Sentimos ser parte de nosso modo de ser abrir-nos “às sugestões interiores do Espírito... Ele chama... a elaborar novas respostas para os problemas novos do mundo atual. São solicitações divinas, que só almas habituadas a procurar em tudo a vontade de Deus conseguem captar fielmente e, depois, traduzi-las corajosamente em opções coerentes seja com a inspiração primeira, seja com as exigências da situação história concreta”²⁹.

²⁵ Cf. SÍNODO DOS BISPOS - IX Assembléia Geral Ordinária, *A vida consagrada e sua missão na Igreja e no mundo (Instrumentum laboris)*, col. “Documentos Pontifícios” n° 261, Petrópolis: Vozes, 1995, n° 91.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ Cf. *ibidem*, n° 92.

²⁸ Cf. JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, 3ª edição, São Paulo: Loyola, 1982, n° 4.

²⁹ JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica “Vita Consecrata”*, col. “Documentos Pontifícios” n° 269, Petrópolis: Vozes, 1996, n° 73.

Lidos os sinais dos tempos, queremos responder com *novos projetos ético-evangelizadores*, apropriados às novas situações atuais³⁰. Alimentamos a certeza, na fé, que “o Espírito sabe dar as respostas apropriadas mesmo às questões mais difíceis”³¹. Não há nada que deixe de merecer a nossa atenção, porque tudo está atravessado pelo desígnio de Deus e banhado por seu Amor. Instaure-se a comunhão; tudo faz-se ressonância; o universo inteiro emerge em sua eloquência; a história deixa-se ler, na transparência, até na mais secreta senda do Senhor. O itinerário ético e formativo deverá ser o *indispensável suporte* para crescer nesta via.

Nesta hora da graça de Deus que nos é dado viver, vemos perfilar-se diante de nós projetos alternativos³² e um mundo de aspirações e desejos que vão apontando para a construção de um homem e uma mulher novos. Redimensionam-se os valores vitais e os eixos básicos da vida humana. O novo irrompe por todos os lados. Já não é mais possível encobrir seus “sinais”, nem passar ao largo, num “faz de conta” que não vimos. Estes constituem-se para nós em “interpelações de Deus” e um “lugar teológico” como já nos sugerira *Medellín*³³.

Então, seremos capazes de surpreender Deus presente em muitos outros lugares e, de forma realista e crítica, não deixaremos de desmascarar os “falsos deuses” idolatrados em nossa época. Cultivaremos a densidade de “momentos” e “lugares” que, no nosso dia-a-dia, alimentam o ser espiritual que somos. Não deixaremos de dar a devida atenção ao fenômeno da “volta ao religioso” que, em nossos dias, está muito ligado à busca de “espaços de experiências”; calcado na ‘subjetividade’, este fenômeno que traz fortes traços afetivos e uma sede por experiências religioso-espirituais. São traços que identificamos como pertencentes a um movimento já de pós-modernidade.

3. Cultivo da experiência de Deus

À medida que a pós-modernidade vai ganhando terreno, sentimos ressurgir uma busca intensa pela *experiência religiosa*. O pós-moderno busca uma fé nutrida de sensações e sentimentos; a mística é a da interioridade e de sintonia com o cosmos. A racionalidade, os conhecimentos, academicamente absorvidos, como enfatizou a modernidade, tendem a ficar em segundo plano. Agora o que se busca é uma *experiência pessoal profunda*, numa busca que é também estética. Como um *itinerário ético-teológico* responderá a este desafio?

³⁰ Cf. *ibidem*.

³¹ Cf. *ibidem*.

³² Cf. N. AGOSTINI, *O alternativo em emergência*, em *Teologia Moral: entre o pessoal e o social*, Petrópolis: Vozes, 1995, p. 140-154.

³³ Cf. *Conclusões de Medellín*, nº 7,13.

3.1. *Jesus Cristo no centro*

A crise que vivemos pode ser vista como uma ameaça de morte ou como um momento de graça, como descoberta de novas possibilidades, como convite a uma maior fidelidade criativa ao Evangelho e à nossa história. Há, no entanto, a necessidade de claramente de *colocar Cristo no centro* de nossa existência, das nossas comunidades, do nosso testemunho. Nosso futuro dependerá da capacidade de sermos testemunhas do Absoluto³⁴.

Devemos reconhecer, no entanto, que há uma dificuldade bastante generalizada, nas gerações que se encaminham para a pós-modernidade ou que nela já estão, de assumir compromissos duradouros. “Tudo é provisório, estamos sempre à espera de algo novo. Não interessa adquirir alguma coisa *para toda a vida*. Menos ainda condiz com a mentalidade atual assumir um compromisso para sempre... Já sabemos que este é o clima da pós-modernidade: respira uma moral provisória, sem nada de estável e definitivo. Uma sensibilidade que dá primazia ao sentimento, à afetividade e ao prazer, rendendo culto ao corpo”³⁵. Importa viver o presente! Ao dizer isso, atrofia-se no pós-moderno tanto a *memória*, o que o coloca em crise de identidade, quanto as *utopias* (ideais), sem as quais seu futuro fica comprometido. O ser humano, nesta situação, encontra-se sem estímulo ou em dificuldade para realizar uma *opção fundamental* em sua vida. Com isso, deixa de ser capaz ou sente extrema dificuldade para fazer “essa opção definitiva, vinculante, capaz de lhe dar unidade, orientação, validade à existência e definir a identidade da pessoa”³⁶.

Entra aqui a perspicácia do itinerário ético-teológico. Numa caminhada *projetiva*, importa favorecer nas pessoas a personalização (tornar-se pessoas...), supondo a busca de um *ser mais*, colocando-os a caminho, já que o caminho se faz caminhando. É claro que a ânsia de realização vai logo contrastar com a insatisfação; o ideal (utopia) entra em tensão com a realidade; o desejo de superar de imediato esta distância esbarra na experiência de um “déficit” existencial... até tomar consciência de que o arranjo pós-moderno da realidade está longe daquilo que sonha, crê e aspira. É, então, que surge, talvez primeiro, a indignação, mas, em seguida, desponta a necessidade de um compromisso.

Importa seguir de perto as motivações, as crises, o desânimo, averiguando as causas e buscando os remédios adequados. Há, sem dúvida, a necessidade de “estruturar as tendências dispersas, orientando-as para um valor escolhido como norma, como lei da própria vida, e, em seguida, integrando gradualmente as forças contrastantes, em função

³⁴ Cf. OFM – Definitório Geral, *Prioridades*, col. “Documentos/OFM” n° 19, São Paulo: CFMB, 1998, n° 5 (conclusão).

³⁵ I. GASTALDI, *op. cit.*, p. 69-70.

³⁶ Cf. *ibidem*, p. 69.

daquele pólo escolhido livremente”³⁷. É claro que não basta escolher qualquer valor, sobretudo nada que seja relativo enquanto ponto último de referência. Quando se absolutiza uma realidade contingente ou relativa (o dinheiro, uma ideologia, uma ciência, a técnica, uma raça...) cai-se na *unidimensionalidade* do humano, o que representa cair num *reduccionismo*, o que acaba tolhendo a pessoa, banalizando a sua vida, sufocando-a e, às vezes, destruindo-a sem mais.

Faz-se necessário passar do egocentrismo à dinâmica da alteridade, numa passagem do “eu” ao “nós”. Esta passagem deverá estar lastreada na confiança, na adesão total e num amor oblato; só assim seremos capazes de uma resposta positiva ao chamado do totalmente Outro, Deus. “O homem *se constrói* saindo de si, aceitando totalmente o outro na sua radical *alteridade* (igualdade na diferença), esvaziando-se, criando um espaço interior para deixar que a riqueza do outro o invada, e enriquecendo o outro com sua própria riqueza pessoal. Somente assim poderá chegar a ser *ele mesmo*”³⁸.

É certo, igualmente, que “o homem não pode realizar-se sem abrir-se ao Tu Absoluto e comprometer-se com Ele”³⁹. Não basta contentar-se com um *cristianismo implícito* e até anônimo. Não podemos prescindir da perspectiva de fé. Faz-se necessário um encontro com o Deus que em Jesus de Nazaré nos convida a construir o Reino, o que exige uma *opção fundamental* que oriente a nossa vida; enraíza-se, então, em nós um compromisso que é fruto de uma *opção de fé*.

Jesus Cristo passa a ser o *centro*, o *guia*, Ele que é o caminho, a verdade e a vida, realizador das virtudes e fonte de todas as graças. Temos em Cristo o único mestre e doutor⁴⁰. Ele é o *medium ético*, segundo São Boaventura, no sentido de ser Jesus Cristo aquele que está todo ao mesmo tempo em Deus e no mundo, constituindo-se num centro *ascendente*, porque, sendo Deus, ele nos atrai para o alto, na direção da virtude superior⁴¹. O limite é a íntima união e o verdadeiro conhecimento em Deus⁴², cujo fundamento é a fé em Cristo Jesus. O fundamento ético passa, então, a ser o seguinte: “Agir como Cristo agiu, viver como ele viveu, sofrer como ele sofreu e morrer como ele morreu”⁴³.

3.2. Encontro com Deus

³⁷ Cf. *ibidem*, p. 73.

³⁸ *Ibidem*, p. 75.

³⁹ *Ibidem*, p. 74.

⁴⁰ Cf. SÃO BOAVENTURA, *Sermo Christus unus omnium magister*, nº 19; tomo V, p. 572b, da edição crítica de Quaracchi, *Opera omnia* (10 volumes), onde lemos: “(Christus) fuit principalis legislator et simul perfectus viator et comprehensor; et ideo ipse solus est principalis magister et doctor”.

⁴¹ Cf. A. NGUYEN VAN SI, *La théologie de l'imitation du Christ d'après Saint Bonaventure*, Roma: Antonianum, 1991, p. 152s.

⁴² Cf. SÃO BOAVENTURA, *Comentarius in III librum Sententiarum*, d. 24, dub. 4, tomo III, p. 531b.

⁴³ IDEM, *Sermones 2 in Nativ. Dom.*, tomo IX, p. 107b.

Somos chamados a viver o *encontro com o mistério de Deus* e formar comunidades que sejam *células de fé vivida*. Então, poderemos perceber “os desafios do mundo e neles ler a presença e a bondade de Deus, sobretudo num tempo de grandes mudanças sócio-culturais, de contrastes, de luzes e sombras”⁴⁴.

Em nossos dias, as mudanças sócio-culturais levam-nos a situar a experiência com Deus dentro de um contexto novo, com sinais claros em direção de uma *revalorização da experiência religiosa*, num resgate do sentido religioso da vida. Porém, neste tempo de passagem do moderno ao pós-moderno, sabemos como as pessoas buscam “uma fé que se nutra mais de sensações e de sentimentos que de conhecimentos”, numa “mística da interioridade” e até de “sintonia com o cosmos”⁴⁵. Busca-se uma experiência pessoal profunda. Neste início de século e milênio, deparamo-nos “com um homem inquieto, em busca de ‘sentido religioso’, desencantado com os resultados da ciência e da técnica”⁴⁶. Quer razões para ‘viver’ e ‘esperar’.

Neste novo contexto, faz-se indispensável “integrar o prazer e o esforço, a diversão e o compromisso, o permanente e o transitório, o sexo e o amor”⁴⁷. Urge uma reconciliação com os sentimentos, sabendo que a realidade nós a medimos muito mais pelo eco que ela desperta na esfera afetiva⁴⁸, estabelecendo-se uma *ligação afetiva* com tudo o que nos cerca e nos habita⁴⁹. Os jovens pós-modernos, por exemplo, “estão ávidos de experiências concretas, de relação e convivência, de espontaneidade. Querem que se valorize o corpo, o sentimento, o desejo, e que se lhes abra o horizonte de um novo estilo de vida. Querem sentir-se acolhidos dentro de um grupo que possam chamar de ‘seu’. Como muitos carecem de relações pessoais e seus amigos se reduzem à televisão e aos jogos eletrônicos, necessitam profundamente de refúgios *personalizados* aonde possam ser alguém para outra pessoa”⁵⁰.

Com a crise das ideologias políticas, das crenças religiosas, das grandes instituições e dos valores tradicionais, urge “renovar a espiritualidade cristã, cujo ponto de apoio deveria situar-se na experiência que se faz de Deus na oração e contemplação... Rahner dizia: ‘O cristão de amanhã ou será místico ou não será cristão’. Sem sentir a Deus como

⁴⁴ OFM - Capítulo Geral/1997, *Da memória à profecia: orientações e propostas*, col. “Documentos/OFM” n° 19, São Paulo: CFMB, 1998, n° 6.

⁴⁵ Cf. I. GASTALDI, *op. cit.*, p. 81.

⁴⁶ Cf. *ibidem*, p. 53.

⁴⁷ Cf. E. GERVILLA, *op. cit.*, p. 178.

⁴⁸ Cf. L. GONZALEZ CARJAVAL, “Educar en un mundo posmoderno”, *Selecciones de Teología* 128 (1993), p. 250.

⁴⁹ Cf. N. AGOSTINI, “Ser afetivo: com ternura e sem medo”, in *Ética e Evangelização - A dinâmica da alteridade na recriação da moral*, 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 1997, p. 160s.

⁵⁰ I. GASTALDI, *op. cit.*, p. 83.

aquilo que de mais real existe, será difícil manter a fé e, mais ainda, chegar a crer”⁵¹. Faz-se necessário investir numa atitude acolhedora, em comunidades sadias e calorosas, onde se cultive a fraternidade, a solidariedade, até a assistência mútua, num processo de personalização. As comunidades terão que ser abertas, no sentido missionário também, seja onde estiverem situadas. Não se economize nos *sinais* visibilizadores, nos *ritos* com seus símbolos e expressões corporais, bem presentes na própria liturgia, na *mística* que vivencia o gratuito que escapa à razão e nos abre ao transcendente.

Por isso, creio que sejam muito oportunas as palavras de Ítalo Gastaldi, em seu livro *Educar e evangelizar na pós-modernidade*: “É preciso que os jovens percebam tudo isto como *próprio*, como característico de um grupo de *escolhidos*, diferente dos outros jovens, não tanto para viver como ‘seitas’, mas para inserir-se como ‘igreja doméstica’ na comunidade local e na Igreja universal. Afinal, a Igreja não é uma comunidade de comunidades?”⁵².

4. Adesão a Jesus Cristo

Desde as primeiras páginas da Sagrada Escritura, Deus não é apenas objeto de especulação e interrogação por parte do ser humano. Deus afirma-se como seu interlocutor e parceiro, capaz de diálogo, em função de uma Aliança. Deus emerge como Aquele que toma a iniciativa de um diálogo e que busca mantê-lo vivo, relançando-o sempre que necessário. Não estamos diante de uma filosofia, mas de uma *Revelação*. Jesus constitui-se no seu ponto alto.

4.1. Fonte inspiradora do agir ético

A *revelação* de Deus à humanidade dá-se inicialmente no Antigo Testamento (AT). Como parte integrante da revelação, os livros do AT, “embora contenham coisas imperfeitas e transitórias, manifestam contudo a verdadeira pedagogia divina” ao “preparar a vinda de Cristo”⁵³. “Ao longo dos séculos, Deus preparou o caminho para o Evangelho”⁵⁴. Isto é realizado num caminhar de crescimento progressivo entre acertos e desacertos. A *revelação de Javé* vai se traduzindo em apelos morais cada vez mais próximos aos da *revelação cristã* em Jesus Cristo.

Jesus, a rigor, não fornece aos seus ouvintes um *catálogo* de comportamentos éticos. Não encontramos em suas palavras um *resumo sistemático* de ensinamentos morais. Porém,

⁵¹ *Ibidem*, p. 81.

⁵² *Ibidem*, p. 83.

⁵³ Cf. Constituição Dogmática *Dei Verbum* n° 15, in R VIER (coord), .), *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*, 22ª edição, Petrópolis: Vozes, 1991, p. 132.

⁵⁴ Cf. *ibidem*, n° 3.

encontramos nos evangelhos o que é certamente *a inspiração de todos eles*. A rigor, “Jesus anuncia uma mensagem religiosa, da qual brota também as suas exigências morais... Não desenvolve um ‘sistema’ teológico-moral”⁵⁵.

De maneira semelhante à tradição do AT, Jesus anuncia a intervenção de Deus na história. No entanto, não se trata mais de uma mediação passando pela Lei, como tanto chegaram a enfatizar os fariseus, no tempo de Jesus; agora, é Jesus mesmo o elemento catalisador (= que coloca tudo em movimento). O centro de tudo e o elemento decisivo passa a ser o *seguimento de Jesus*; ser seu discípulo, acolher a Boa Nova, entrar e assumir o Reino de Deus, eis a grande convocação! Como consequência disto, vêm os apelos éticos e os engajamentos morais.

Jesus é a fonte inspiradora enquanto une o humano e o divino, abrindo-lhe o caminho da realização plena. Jesus é mais que Moisés, o mentor da Lei; Ele é mais que Elias, o profeta; Ele é mais que Salomão, o sábio; Ele é mais que um simples arauto de Deus; Ele é mais que um puro mensageiro de Deus. Ele é o Deus encarnado num lugar, num tempo, no seio de um povo. Ele é o Verbo feito carne, luz verdadeira, que ilumina todo homem, fonte da graça e da verdade (cf. Jo 1,1-18), caminho da salvação.

Jesus é a certeza de que o ser humano não foi abandonado a uma história solitária, largado sem rumo neste mundo, à mercê do próprio egoísmo, orgulho, desprezo, ódio, injustiças, enfim o pecado. Convidado a entrar numa vida nova, iniciativa amorosa e gratuita de Deus, o ser humano mergulha num dinamismo divino que abraça o humano. Cristo, pela sua ressurreição, é garantia desta realização plena (de alegria, de realização, de perfeição) ao alcance de todo ser humano.

Esse dinamismo divino nos chama à conversão permanente - *metanóia* - que se traduz em transformação de todo o nosso ser, com repercussão direta e imediata sobre todo o nosso agir. “Não vos conformeis com os esquemas deste mundo mas transformai-vos pela renovação do espírito, para que possais conhecer qual é a vontade de Deus, boa, agradável e perfeita” (Rm 12,2). Isso nos introduz na dinâmica dos *filhos de Deus*, enquanto animados pelo Espírito de Deus (cf. Rm 8,14), susceptíveis à divinização. “Preciosas e ricas promessas nos foram dadas para que vos torneis participantes da natureza divina” (2Pd 1,4).

Enquanto já criados à imagem e semelhança de Deus, temos em nós não só a possibilidade da *adoção divina* bem como a da própria divinização (*capax Dei*), sem ter

⁵⁵ R. SCHNACKENBURG, *Messaggio morale del Nuovo Testamento*, collana “Catholica” n° 18, Alba: Paoline, 1959, p. 5.

que renunciar ao que somos, a não ser o pecado. As implicações éticas e as repercussões morais são fortes e profundas.

Tais implicações e repercussões têm seu fundamento primeiro no preceito do amor (Jo 13,34), que se desdobra no amor a Deus e ao próximo (Mt 22,34-40; Mc 12,28-34; Lc 10,25-28); ele abre o caminho para o Reino de Deus e o da vida eterna (Mt 25,31-46). A isto se acrescenta o amor dos próprios inimigos e perseguidores (Mt 5,44-45), que é mais do que simplesmente perdoar. Com isto, a Sagrada Escritura nos diz que a fidelidade a Deus e à sua Aliança só é possível quando passar pela reconciliação com o próximo (Mt 5,23-24; 1Jo 2,9-11). Este preceito constitui-se no novo e maior mandamento (Jo 15,12); ele nos faz entrar na luz verdadeira do Verbo encarnado (1Jo 2,8); resume toda lei e os profetas (Mt 7,12). “*Assim como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros*” (Jo 13,34). “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13).

Com Jesus, chegou o tempo decisivo. É necessário que cada um se decida, pois com Ele o “Reino se aproxima” (Mt 4,17; 10,7; Lc 10,9-11). “Completaram-se os tempos, está próximo o Reino de Deus, convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). Deus quer a salvação dos homens; para isto, os cristãos dos primeiros tempos esforçam-se em mostrar as opções concretas que provêm de sua fé no Cristo Salvador. São Paulo, nas suas diferentes cartas, não mede palavras para mostrar as implicações éticas e as recomendações morais provenientes do grande acontecimento da vinda de Cristo, de sua ressurreição e do surgimento da Igreja.

A adesão a Jesus Cristo e a pertença à Igreja passam a ser verdadeiras quando autenticadas por uma conduta, unindo fé e vida. São Paulo traduz isso ao apresentar as listas de vícios (1Cor 5,11; 6,9-10; 2Cor 12,20-21; Gl 5,19-21; Rm 1,29-31; Cl 3,5-8; Ef 4,31; 5,3-5) e virtudes (2Cor 6,6; Gl 5,22-23; Ef 4,2-3), bem como as listas de deveres domésticos (Cl 3,18-4,1; Ef 5,21-6,9). Além disso, ele apela para a consciência dos cristãos, ao aconselhá-los com estas palavras: “Irmãos, ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou de qualquer modo mereça louvor” (Fl 4,8). “Examinai tudo e ficai com o que é bom. Abstende-vos de toda espécie de mal” (1Ts 5,21-22). “Tudo me é lícito, mas nem tudo convém. Tudo me é lícito, mas não me deixarei dominar por coisa alguma” (1Cor 6,12).

São Paulo está preocupado em apresentar a *vida nova* em Cristo. Ao usar os termos *carne e espírito, velho homem e homem novo*, situa-se neste dinamismo que se inaugura no cristão, tornando-o co-herdeiro de Cristo (Rm 8,17). Nele temos tudo plenamente (Cl 2,10). Esses termos não estão indicando uma visão *de per se* dualista, projetando sobre o *corpo* tudo o que há de negativo. Antes, o termo “carne” designa o ser humano como um todo submetido à concupiscência, todo tomado pelo desequilíbrio de seus desejos. “Espírito”, da

mesma forma, aponta para o ser humano como um todo (corpo e alma) que está vivendo a vida nova de Deus em Jesus Cristo. Vamos ilustrar isso com alguns textos:

“Quando estávamos na carne, as paixões do pecado... agiam em nossos membros e davam frutos de morte” (Rm 7,5). “Não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa é que são considerados descendentes” (Rm 9,8). “Vós não viveis segundo a carne mas segundo o espírito, se de verdade o Espírito de Deus habita em vós” (Rm 8,9). “Devereis abandonar vossa antiga conduta e vos despojar do homem velho, corrompido por concupiscências enganosas, para uma transformação espiritual de vossa mentalidade, e revestir-vos do homem novo, criado segundo Deus em justiça e verdadeira santidade” (Ef 4,22-24; cf. 3,1-17). Portanto, “sirvamos em espírito novo e não na letra velha” (Rm 7,6b).

4.2. Seguimento de Jesus Cristo

A renovação da Teologia Moral no pós-Vaticano II deveu-se muito à clareza de sua renovação bíblica e da centralidade de Jesus Cristo. Antes mesmo do Concílio, Fritz Tillmann apontava para a importância do *seguimento de Cristo*; como exegeta, captando a visão dos Evangelhos sinóticos, assinalava para um seguimento de Cristo tanto em seu caminho para o Calvário quanto no sentido de uma íntima comunhão de vida com Ele, Evangelho vivente. Bernhard Häring, seguindo Tillmann, procurou, por sua vez, fazer uma síntese entre a visão sinótica, joanina e paulina, enfatizando o ser e o viver em Cristo⁵⁶. Publicou, inclusive, um livro com o título *A lei de Cristo*,⁵⁷ referindo-se à Gl 6,2: “Ajudai-vos reciprocamente a carregar o peso uns dos outros, e assim cumprireis a Lei de Cristo”.

O próprio Bernhard Häring explica este intento: “Trata-se, pois, da grande perspectiva da ‘aliança-solidariedade de salvação’ como expressão e condição da verdade e da liberdade à qual Cristo nos chamou. Pensei, igualmente, na expressão clássica *énnomos Xristoú* (1Cor 9,21), *portanto na ‘ennomia crística’, na vida em Cristo, como norma suprema da moral. Este leitmotiv ocorre também no título Livres e fiéis em Cristo*”⁵⁸, obra publicada depois do Concílio Vaticano II. Nela, o Autor sela a ênfase “na verdade mais central na moral, a *vida em Cristo*”, acrescida das noções de *liberdade e fidelidade*⁵⁹.

Para o teólogo da moral Josef Fuchs, “a moral cristã é a do homem que crê em Cristo... Crer significa: colocar nele nossa última esperança de vida e a espera de salvação.

⁵⁶ B. HÄRING, *Teologia Moral para o terceiro milênio*, São Paulo: Paulinas, 1991, p. 25-26.

⁵⁷ Ao utilizar a palavra “lei”, este teólogo da moral teve a intenção de resgatar o sentido Paulino, para o qual “a Tora é expressão da *berith*, da aliança, que se torna lei escrita em nossos corações, lei de liberdade, libertação da solidariedade do pecado”. Cf. *ibidem*, p. 26.

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ Cf. *ibidem*, p. 27.

Isto significa de outra forma: volver para ele todo o amor e a dedicação que somos capazes. O homem que crê e ama assim, e portanto segue o Cristo de todo o seu ser pessoal e do mais íntimo de si mesmo, coloca a questão de saber qual forma vai e deve assumir uma vida voltada à imitação de Cristo na fé e no amor”⁶⁰.

Jean-Marie Aubert, discorrendo sobre a salvação em Cristo e sua dimensão ética, acentua o sentido de “Boa Nova” do Evangelho, enfatizando a realização tornada acessível a todos os homens pela vitória de Cristo sobre o pecado. A ressurreição de Cristo passa a ser o caminho aberto no qual todos podemos esperar e realizar a plenitude. Esta Boa Nova implica no anúncio de uma vida nova, que supõe mudança radical de vida, uma conversão permanente – *metanóia*. Existe aí um convite que urge, iniciativa de Deus em seu amor, verdadeiro dinamismo divino em ação no seio da humanidade, do qual a Igreja quer ser sua presença efetiva e real (seu corpo místico) e seu prolongamento na história.

“Um tal anúncio concerne o campo ético e moral, a partir do momento em que ele convida a uma conversão do coração, devendo traduzir-se numa transformação de todas as dimensões da existência e do agir humanos. A mensagem evangélica vem então colocar em cheque a auto-suficiência humana, fazendo o ser humano sair do seu egoísmo e dar um sentido novo à sua existência. Então, um discípulo de Cristo não pode mais viver como se o Evangelho não tenha implicações sobre o agir humano quotidiano”⁶¹.

Existe um primado efetivo do Evangelho, constituindo conseqüentemente a inspiração primeira da ética cristã⁶². Isto nos remete, é claro, à centralidade de Cristo que tão claramente soube enfatizar uma moral renovada no pós-Vaticano II. O “vem e segue-me” de Jesus torna-se o chamado gratuito para a salvação; cabe de nossa parte uma resposta correspondente. Entendemos que, por chamado do próprio Concílio, a Teologia Moral tem a missão de evidenciar “a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo”⁶³ (OT 16), pois Jesus Cristo, nova e eterna aliança, encarna a proposta salvífica de Deus e a resposta perfeita e total do humano. Disto nasce, evidentemente, toda uma ênfase no seguimento de Jesus, fundamental para a renovação em curso⁶⁴.

Rudolf Schnackenburg, buscando captar o sentido que Jesus dava à palavra “seguir”, identifica na passagem de Mc 1,17 o texto mais significativo para este intento. Ao chamar Simão e André, junto ao lago de Genesaré, Jesus disse-lhes: “Segui-me, e eu farei

⁶⁰ J. FUCHS, *Existe-t-il une “morale chrétienne”?*, Gembloux: Duculot, 1973, p. 11.

⁶¹ J.-M. AUBERT, *La morale*, Paris/Montreal: Centurion/Paulines, 1992, p. 12.

⁶² C.-J. PINTO DE OLIVEIRA, *La crise du choix moral dans la civilisation technique*, Fribourg (Suisse)/Paris: Éditions Universitaires/Éditions du Cerf, 1977, p. 145ss.

⁶³ Cf. Decreto *Optatum Totius* n° 16, in R. VIER (coord.), *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*, 22ª edição, Petrópolis: Vozes, 1991, p. 521.

⁶⁴ Cf. N. AGOSTIN, *Teologia Moral: O que você precisa viver e saber*, 6ª edição, Petrópolis: Vozes, 2001, p. 92.

de vós pescadores de homens”. Seguir aponta aqui para o sentido “ir atrás de Jesus”, acompanhá-lo em seus caminhos, ser testemunha de suas obras e ajudá-lo em seus afazeres⁶⁵. Existe nesta perícopé toda uma teologia sobre a maneira de seguir Jesus. “A ação parte de Jesus, e três momentos explicam o que se passa: o olhar de Jesus se dirige para estes homens, e imediatamente ele os *chama* para junto dele. Seu chamado é aquele de Deus mesmo; quando é Deus que chama não há como hesitar. Quanto ao conteúdo do chamado, ele exige que se *caminhe atrás de Jesus*, o que justamente na origem significa ‘seguir’. Enfim, ele quer fazer deles *pescadores de homens*”⁶⁶.

5. Apelos de uma ética cristã

Num pequeno estudo dos inícios dos anos 50 (no original em inglês), C. H. Dodd apontava a religião cristã como uma religião moral no sentido próprio da palavra, visto que não faz distinção entre servir a Deus e servir ao próximo. “Estes dois aspectos são essenciais ao cristianismo”, arrematava ele⁶⁷, insistindo na necessidade de cavar mais profundamente na mina que é o Novo Testamento, pois nele se encontra o conteúdo do *querigma* original que, em seguida, torna-se *didaqué*, ou seja, temos primeiro a *proclamação* e, depois os inícios do *ensinamento* moral. Com isso, queremos enfatizar que o ensinamento moral cristão não tem uma autonomia em si, como no esquema grego, mas sempre referido ao Evangelho e *a fortiori* ao próprio Jesus Cristo⁶⁸.

5.1. Os Evangelhos

O modo próprio de ser e de viver que emana do Novo Testamento – qual *ethos cristão* – está de maneira clara explicitado quer na atitude de fé em Jesus Cristo e correspondente opção fundamental, bem como na catequese das primeiras comunidades cristãs. É indiscutível o apelo ético que emerge da mensagem neo-testamentária, que engaja os cristãos num modo próprio de ser e de viver.

O cerne da mensagem de Jesus, presente nos Evangelhos, é a proclamação da *basiléia*, ou seja, do Reinado ou domínio atual de Deus, o que nos leva à proclamação do Reino de Deus. “A mensagem ética de Jesus é parte desse anúncio do Reino de Deus”⁶⁹. Neste anúncio, unem-se presente e futuro. O caráter escatológico não tira a atualidade da proclamação e as exigências correspondentes.

⁶⁵ Cf. R. SCHNACKENBURG, *L'existence chrétienne selon le Nouveau Testament*, tome I, Tournai: Desclée, 1971, p. 84-85.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 85.

⁶⁷ C. H. DODD, *Morale de l'Évangile*, Paris: Plon, 1979, p. 6.

⁶⁸ Cf. E. LOHSE, *Théologie du Nouveau Testament*, Genève: Labor et Fides, 1987.

⁶⁹ F. BÖCKLE, *Moral fundamental*, São Paulo: Loyola, 1984, p. 194.

“Completo-se o tempo! Está próximo o Reino de Deus! Converti-vos! Crede no Evangelho” (cf. Mt 4,17; 10,7; Lc 10,9-11; Mc 1,15). Vemos como o anúncio de salvação coliga-se aqui à exigência de conversão. Irrompe a consumação do tempo (cf. Mc 1,15a). O *escaton*, o tempo da salvação, está em ação na pessoa de Jesus, suas palavras e obras, sendo Ele “a grande obra salvadora de Deus neste mundo... O conjunto de toda a sua vida, o seu falar, seu agir e o seu deixar de fazer” deve ser entendido nesta perspectiva⁷⁰.

“Arrependi-se significa afastar-se do antigo modo de vida para abraçar novo modo de vida sob o reinar de Deus. Nesse novo modo de vida, a fé no evangelho ou a boa nova de Deus referente ao reinado desempenha papel central. Essa fé, porém, não é uma virtude entre outras; é a virtude omniabrangente pela qual a pessoa percebe a presença oculta do governo régio de Deus”⁷¹. Algumas atitudes começam então a perfazer a vida dos seguidores de Jesus, como por exemplo: acolher a sua mensagem, entregar a sua vida para salvá-la, tomar parte da comunidade instruída por Jesus, tornar-se servos uns dos outros, vigiar sempre, permanecer fiéis, ser compassivo, humilde, misericordioso, fazer a vontade de Deus, produzir frutos em ações e obras de justiça.

Têm, portanto, importância aqui a mensagem e a práxis de Jesus, como sua ‘mordência’ profética. Isto, acrescido de sua consciência de “ser filho” (“Filho de Deus”), introduz para a comunidade cristã uma forte impregnação ética, fundada numa relação fundamental que se estabelece com a pessoa de Jesus. Todo o seu anúncio e sua pessoa encontram-se aí unidos, não podem ser separados. Eis o “tempo propício”! Esta é a oportunidade. Não podemos desperdiçá-la. O próprio Jesus é o exemplo da vida moral que chega a propor o amor aos inimigos, inclui os pobres, chama os pecadores, encontra-se com gente desqualificada e toma refeição com ricos. Todos os que se arrependem terão parte no reinado de Deus.

Um traço característico da vida de Jesus é a difusão do Evangelho sem distinção. “Em vez de se segregar com um par de sequazes, manda-se através do país inteiro para difundir a todos a mensagem. Não ameaça com um juízo iminente, mas anuncia a boa nova do amor universal de Deus aos homens. Esse amor destina-se a cada um, que agarra o agora como presença de Deus e como hora da salvação”⁷². “Esse amor não é sentimento e emoção, e sim Dom gratuito de Deus... Se o mundo crer que o Pai enviou o Filho ao mundo, participará ele do amor de Jesus. O amor que manda Jesus só exclui o mundo se o mundo recusar-se a crer. Fé e amor são, portanto, complementares”⁷³.

⁷⁰ Cf. *ibidem*, p. 196.

⁷¹ F. J. MATERA, *Ética do Novo Testamento: os legados de Jesus e de Paulo*, São Paulo: Paulus, 2001, p. 49.

⁷² F. BÖCKLE, *op. cit.*, p. 198.

⁷³ F. J. MATERA, *op. cit.*, p. 149.

Como vemos, o anúncio do Reino de Deus supõe uma exigência fundamental: a fé. Palavras e sinais, que provocam admiração, buscam suscitar uma irrestrita fé no Deus que se revela por amor e nos convida a corresponder. Eis a proposta, a convocação de Jesus. Convite de Deus, proposta de Jesus Cristo: eis o que sela a nova aliança, alimentadora da vida dos discípulos e de todos os batizados, num convite que é universal. Ao mesmo tempo, este anúncio de Jesus convoca os discípulos a uma vida de amor, formando uma comunidade que crê, de convertidos, que testemunha Jesus ao mundo, guiada na verdade pelo Espírito de verdade.

5.2. *Escritos paulinos*

Voltamos nosso olhar para o ensinamento moral de Paulo, pois sua posição ética, somada à de Jesus, forma o legado ético que causa impacto nas gerações posteriores. O pensamento moral de Paulo reúne um bom número de exortações tendo em conta situações diversas. Para os neo-convertidos, como na carta ao Tessalonicenses, ele ressalta a eleição, bem como o chamado à vida de santificação. Por isso, devem evitar toda imoralidade e impureza, perseverar na fé, no amor e na esperança. Busca dar conselhos para edificar a comunidade no amor, como nas cartas aos Coríntios, enfatizando o “imitai-me”, num paralelo ao “seguí-me” de Jesus. Paulo lembra à comunidade que “ela é o templo de Deus e o povo santificado de Deus no qual o espírito de Deus habita”⁷⁴.

Nas situações de polêmica, como na carta aos Gálatas, Paulo dá instruções morais lembrando que os justificados pela fé não estão sob a lei e, portanto, podem estar livres da circuncisão. Há uma liberdade em Cristo, centrada no amor, expressão perfeita da fé e do cumprimento da lei. Estas menções, juntam-se a outras, o que faz com que a carta aos Romanos explicita “a centralidade do amor, a importância da unidade na comunidade cristã, o exemplo de Cristo e a vida moral que deve distinguir os eleitos justificados gratuitamente pela graça de Deus”⁷⁵.

Nas cartas aos Colossenses e aos Efésios, temos enfatizada a dignidade da eleição, interligando, por isso, o indicativo da salvação e o imperativo moral. Temos, então, as virtudes a serem abraçadas, os vícios a serem evitados. “Os fiéis devem evitar tudo o que é imoral e impuro, devem distinguir-se pela gentileza, compaixão e perdão”⁷⁶. Paulo ressalta a centralidade do amor, vínculo da perfeição, e tem interesse pela unidade da Igreja, em cuja comunidade os fiéis vivem a vida moral.

As cartas pastorais (1 e 2 Timóteo e Tito) esboçam uma ética propriamente teológica. Deus salvador “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao

⁷⁴ *Ibidem*, p. 211.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 267.

conhecimento da verdade” (1Tm 2,4). O mediador entre Deus salvador e a humanidade é Jesus Cristo. Fundamentalmente, esta salvação faz-se sentir por uma vida moral assumida já na Igreja, sendo esta o ambiente adequado para cultivar uma vida virtuosa. Temos, assim, toda uma lista do que é contrário ao ensinamento sadio (1Tm 1,9-11). Na carta a Tito, Paulo ressalta que o presbítero deve ser fiel na exposição da palavra e capaz de ensinar a sã doutrina e refutar os que a contradizem (cf. Tt 1,9; 2,1). A instrução moral faz parte deste ensinamento, sempre em harmonia com o evangelho. O resultado é a realização de boas obras (cf. 1Tm 2,10; 6,10). Assim, a educação das crianças, a hospitalidade, o auxílio aos aflitos, o uso da riqueza para o bem dos outros (ser ricos em boas obras) e a purificação de todo mal são alguns exemplos daqueles que, treinados na justiça pela Escritura, estão equipados para toda boa obra (2Tm 3,17).

Nas cartas pastorais, há uma visão positiva do casamento e da educação dos filhos, como também é positiva a visão da criação. “Para os puros todas as coisas são puras” (Tt 1,15). Importa levar uma vida virtuosa. A Timóteo, Paulo fala da justiça, piedade, fé, amor, perseverança, gentileza e paz (1Tm 6,11; 2Tm 2,22). Aos homens mais idosos pede sobriedade, seriedade, sensatez e que sejam sadios na fé, no amor e na perseverança. As mulheres mais jovens sejam “autodisciplinadas, castas, boas donas-de-casa, amáveis” (Tt 2,5). Se as virtudes da autodisciplina, piedade, seriedade e justiça eram também valorizadas pelos gregos, destacam-se nestas cartas a fé e o amor, pois Paulo quer instruir no “amor, que procede de coração puro, de boa consciência e de fé sincera” (1Tm 1,5).

Considerações finais

Para a vivência da ética, identificamos várias posturas ou até situações complementares no Novo Testamento, centradas em dois eixos: o seguimento de Cristo e a imitação de Cristo. Os evangelhos sinóticos utilizam os termos “seguir” ou “caminhar no seu seguimento”, destacando a ligação histórica fundamental com a pessoa de Jesus. A concepção joanina bem como a paulina captam, por sua vez, a idéia de uma caminhada progressiva na descoberta do mistério de Cristo, na qual a imitação torna-se a pedra de toque, mesmo que também tenham presente a idéia de seguimento⁷⁷.

O seguimento implica numa relação muito estreita com o Mestre. A iniciativa é sempre de Jesus, pois, neste caso, é ele quem convida. Estar junto dele é partilhar sua vida, como servidor (Lc 22,47), e participar de sua função messiânica (Mc 3,14). Seguir Jesus comporta exigências: renúncia dos bens e de todo desejo de prestígio e estar disposto a

⁷⁶ *Ibidem*, p. 294.

⁷⁷ Cf. H. WATTIAUX, *Engagement de Dieu et fidélité du chrétien – Perspectives pour une théologie morale fondamentale*, Lefort: Centre Cerfaux, 1979, p. 187-201.

perder a sua vida. Para estar com Jesus, os que o seguirem conhecerão provações (cf. Mc 8,34; Mt 16,24).

No entanto, o tema do seguimento de Jesus não esgota as expressões da adesão à sua pessoa. Abre-se aqui o tema da imitação do Cristo, presente no corpo joanino e paulino. No gesto do lavar os pés, Jesus é claro ao pedir que se faça *como* ele (cf. Jo 13,14b-15; 1Jo 3,16). É neste amor, que imita o de Jesus, que todos reconhecerão quem são seus discípulos (Jo 13,34b-35). A teologia paulina estabelece, por sua vez, a conexão entre a ética da imitação e a vocação cristã de “ser conformes à imagem do Filho” (Rm 8,9). Paulo, ele mesmo, coloca-se não poucas vezes como o exemplo a ser imitado (cf. 1Cor 4,16). A imitação não significa reproduzir gestos materiais, mas viver o amor e todas as atitudes correspondentes ao exemplo de Cristo.

A proposta ética que urge propor, também em nossos dias, tem na conformidade do amor de Cristo o critério de autenticidade moral. “Este ‘como o Cristo’ não é um convite ao mimetismo, o que seria continuar fechados entre os muros do Mesmo, mas é provocação, sob a criatividade do Espírito, a inventar uma história sempre nova (Jo 16,13) e, no entanto, sempre coerente com a que Cristo viveu”⁷⁸. “O Cristo é conseqüentemente o centro e o ponto de referência da moral cristã”⁷⁹, o que faz do seu Evangelho a fonte da moral⁸⁰.

Para encerrar com um ponto de suspensão, num convite à continuar a reflexão, trago de São Paulo o texto que segue:

“Os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus... a fim de que vossa fé não se baseie sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus. No entanto, é realmente de sabedoria que falamos..., a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta... que a nós Deus revelou pelo Espírito” (1Cor 1,23-24.2,5-7.10).

Com estas palavras, está claro que existe um fundamento para o edifício da moral e para a vivência da ética em nossos dias. Ele é afirmado com toda clareza e vigor. “Fazendo isso, São Paulo manifesta a condição de toda moral cristã: ela tem seu fundamento único na fé em Jesus Cristo”⁸¹.

⁷⁸ X. THÉVENOT, “À propos de la spécificité de la morale chrétienne”, in R. BÉLANGER, S. POURDE (org.), *Actualiser la morale*, Paris: Cerf, 1992, p. 314.

⁷⁹ L. MELINA, *La morale entre crise et renouveau*, Bruxelles: Culture et Vérité, 1995, p.40.

⁸⁰ Cf. *Constituição Dogmática ‘Dei Verbum’*, n° 7, in F. VIER (coord.), *Compêndio do Vaticano II – Constituições, decretos, declarações*, 22ª edição, Petrópolis: Vozes, 1991, p. 125.

⁸¹ S. PINCKAERS, *Les sources de la morale chrétienne – Sa méthode, son contenu, son histoire*, Fribourg (Suisse)/Paris: Éditions Universitaires/Éditions du Cerf, 1985, p. 124.